

VELHOS MAPAS, NOVAS LEITURAS: REVISITANDO A HISTÓRIA DA CARTOGRAFIA

Maria do Carmo Andrade Gomes*

RESUMO:

O artigo trata do processo de renovação teórica e metodológica que atingiu o campo da história da cartografia nas duas ou três últimas décadas. A partir de um profundo questionamento do estatuto de objetividade e transparência dos mapas, os novos estudos e pesquisas tratam os documentos cartográficos como objetos técnicos, produtos de construções sociais e culturais e meios de comunicação dotados de linguagem visual própria. O artigo aponta os principais autores, eventos e idéias que promoveram essa nova história da cartografia, um movimento rico e multifacetado ainda pouco conhecido no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE:

História da Cartografia; Teoria da Cartografia; Cartografia Histórica; Metodologia

ABSTRACT:

The article deals with the theoretical and methodological innovation that has taken place in the field of the history of cartography in the last two or three decades. By questioning the statute of objectivity and transparency of maps, new studies and researches consider cartographic documents as technical objects, products of social and cultural constructions, and means of communication based on a visual language of their own. The article points out to the main authors, events, and ideas that promoted this new history of cartography, a multifaceted and rich movement still little known in Brazil.

KEY WORDS:

History of Cartography; Cartographic Theory; Old Maps; Methodology.

"... o mapa tornou-se um objeto opaco, que retém o olhar sobre ele mesmo. O mapa entrou na era da suspeita. Ele perdeu sua inocência. Não se pode mais, atualmente, considerar a história da cartografia sem uma dimensão antropológica, atenta à especificidade dos contextos culturais, e teórica, que reflita sobre a sua natureza de objeto e os seus poderes intelectuais e imaginários."

Christian Jacob

O presente artigo busca traçar um painel sobre as recentes contribuições metodológicas e epistemológicas de um campo de conhecimento ainda muito pouco explorado no Brasil: a história da cartografia. Domínio interdisciplinar por excelência, a história da cartografia tem passado por um profundo processo de renovação nas duas ou três últimas décadas e qualquer reflexão sobre o mesmo deve empreender um corte transversal por diferentes campos temáticos, países e tradições

científicas. Busca-se dar conta desse movimento rico e multifacetado, mas sem ambição de completude ou de balanço global das produções, dada sua diversidade e contemporaneidade¹.

I - A constituição da história da cartografia como disciplina

O geógrafo inglês J. Brian HARLEY (1987), um dos teóricos que mais influenciaram o processo renovador da história da cartografia (HC), em um dos seus ensaios seminais, mostrou como esse campo disciplinar consolidou-se ao longo do século XIX, quando se intensificou o interesse pela pesquisa dos mapas antigos, enquanto uma arena distinta da cartografia contemporânea. Segundo esse autor, o impulso principal desse movimento crescente, especialmente após 1850, decorreu da emergência e institucionalização da Geografia enquanto ciência, aliado ao crescimento dos acervos cartográficos das nações em formação e ao desenvolvimento, na Europa e nos Estados Unidos, de um mercado antiquário de mapas. O desenvolvimento da Geografia e o surgimento das bibliotecas especializadas em mapas antigos, favoreceram a infra-estrutura institucional para o estudo histórico da cartografia, enquanto que os colecionadores privados e o comércio de antiquários contribuíram na pesquisa e na escrita da HC, ainda que marcada pela ênfase excessiva na apreciação artística dos mapas, especialmente da Renascença.

Esses fatores condicionaram os objetivos e métodos da história da cartografia e moldaram parte essencial da tradição acadêmica da disciplina, até meados do século XX. Considerada como um campo auxiliar da história da Geografia, a qual, por sua vez, compreendia basicamente a história dos descobrimentos e das explorações, a história da cartografia tradicional permaneceu marcada por essa origem, e epistemologicamente condicionada pela idéia de que deveria servir primeiramente para tornar os documentos cartográficos acessíveis a outros domínios do conhecimento. Como exemplo, publicações de atlas com fac-símiles permaneceram importante objetivo ao

longo de todo o período. Quanto aos bibliotecários especialistas, sua maior contribuição para a HC, além, é claro, da disponibilização dos documentos, foi a construção de um campo específico, o bibliográfico (publicação de catálogos, introdução de listas de mapas como elementos centrais nos atlas fac-similares). Os estudos clássicos em HC sempre tiveram uma forte dimensão bibliográfica, que se mantém ainda hoje. As bibliotecas especializadas também contribuíram através da promoção de exposições, quase sempre acompanhadas pela publicação de catálogos. A terceira força no desenvolvimento da HC desde o século XIX, o comércio antiquário, também teve seu impacto historiográfico, pela publicação dos atlas fac-similares e de bibliografias especializadas, além de ter exercido forte influência no aparecimento de uma face popular da história da cartografia.

No mesmo estudo, Harley mostrou como, a partir dos anos 1930, a HC afirmou-se como um campo de estudos com sua própria identidade acadêmica, afastando-se gradativamente da fase anterior. Essa mudança decorreu de três fatores: a publicação de histórias gerais da cartografia, com intenções de síntese; a influência da *Imago Mundi*, então a única revista internacional devotada ao tema; e, mais importante, a emergência da cartografia como uma disciplina acadêmica e uma atividade prática independente da Geografia, providas de estruturas teóricas que reforçaram a razão de ser da história da cartografia.

Como as principais obras de síntese sobre a história da cartografia² permaneceram muito restritivas em suas análises, com excessiva ênfase na produção da Renascença, e a revista *Imago Mundi*, apesar de sua qualidade, não conseguiu superar sua tendência europocêntrica, pouco mudou na história da cartografia no tocante ao seu alcance geográfico e nacional.³ Os maiores avanços na construção da HC, como um campo acadêmico próprio, estariam relacionados ao crescimento da cartografia como objeto de pesquisa e como atividade prática independentes. A promoção da cartografia gerava oportunidades de encontros

e publicações sobre a HC. A cartografia acadêmica funcionou como um fermento intelectual, oferecendo novas bases filosóficas e teóricas, além de um gama de técnicas próprias para o estudo dos mapas antigos. A idéia de se conceber os mapas como meios de comunicação, é um dos princípios mais importantes dessa interação.

Harley identificou três sinais de uma mudança em curso na HC no período, decorrentes do moderno pensamento cartográfico: o interesse no significado das palavras mapa e cartografia, ou seja, na discussão conceitual que seria o futuro motor da renovação da HC; a abordagem dos mapas como artefatos, e a ênfase nos processos técnicos de sua produção e; a abordagem dos mapas antigos como meios de comunicação. As novas teorias consideravam o mapeamento como uma ciência cognitiva que envolvia comunicação entre o cartógrafo e o usuário. Nos anos setenta, esse caminho já estava sedimentado, com maior ênfase na cartografia como um processo, do que nos mapas como produtos acabados. Os cartógrafos teóricos passaram a refinar seus conceitos através da semiologia, construindo paralelos entre cartografia e linguagem, e explorando as dimensões cognitivas da comunicação cartográfica.

As duas maiores preocupações dos cartógrafos - os aspectos técnicos e a comunicação – refletiram-se nos textos da HC. Historiadores da cartografia, eram desafiados a focar mais na natureza de artefato do mapa e menos no seu conteúdo geográfico. Uma história técnica dos mapas passou a ser defendida, assim como uma história da tecnologia se destacou da história da ciência. O interesse nos mapas antigos, como meios de comunicação levou a processo semelhante. Não se tratava de uma idéia nova, mas não havia uma base teórica nem interlocução com outras disciplinas como a história da arte, a literatura ou a antropologia social. Em meados dos anos 70, o tema dos mapas como meios de comunicação e como linguagem gráfica já tinha crescente espaço na HC.

Se as bases conceituais para uma profunda rediscussão da HC estavam assim delineadas, os suportes institucionais permaneceram frágeis, com poucos espaços formalizados nas universidades. Até o início dos anos 1980, o crescimento da disciplina pode ser avaliado pelas atividades dos indivíduos, que desenvolveram uma autoconsciência como historiadores da cartografia, como um invisible college. Outros passos na institucionalização da HC incluíram: o desenvolvimento de sociedades nacionais e internacionais, a promoção de encontros, o estabelecimento da International Cartographic Association Commission for the History of Cartography, e a produção crescente de artigos que discutiam questões metodológicas e promoviam uma avaliação crítica dos objetivos da HC. A tendência mais importante de todo esse processo era, ainda segundo Harley, a autocrítica em curso sobre a ausência de bases teóricas e metodológicas da história da cartografia tradicional. Um “novo espírito crítico” surgia, não apenas na Inglaterra e nos EUA, mas em muitos países com tradição na HC, como, Holanda, Itália e Alemanha⁴.

II - Balizas do processo de renovação: idéias, livros, eventos e personagens

Com um profundo questionamento do conceito e do estatuto de objetividade dos mapas, o processo de renovação, ou mais propriamente, o alargamento dos horizontes teóricos e metodológicos da história da cartografia, pode ser claramente observado entre as décadas de 1980 e 1990, com ricos desdobramentos no momento atual. Como todo movimento ligado ao trânsito das idéias, muitos fatores contribuíram para seu impulso e desenvolvimento.

II.1 - Projetos institucionais abrem os caminhos

Como marcos cronológicos iniciais, podemos identificar duas obras monumentais que, mesmo em suas diferenças, foram igualmente férteis na proposição de caminhos: de um lado, a exposição cartográfica promovida

pelo Centro Georges Pompidou e seu respectivo catálogo, denominado *Cartes et figures de la Terre*, publicado na França em 1980; de outro, o projeto enciclopédico iniciado em 1982 na Universidade de Chicago⁵, sob o título *The History of Cartography Project*.

A iniciativa francesa - exposição e publicação - reuniu uma constelação de pesquisadores para analisar os mapas nos seus mais diversos ângulos. Como explicou Jean-Loup Rivière no preâmbulo do catálogo, naquele momento, apesar de ser uma imagem que povoava nosso cotidiano, o mapa permanecia, ele mesmo, uma terra incognita. Rivière sublinhou a ambição sinóptica da obra, entendida como um ponto de partida, como um convite à observação dos mapas. Tanto a exposição, como o catálogo, buscaram exprimir a diversidade das abordagens no domínio da cartografia, e não seguiram uma ordem cronológica ou temática. Propuseram uma visita e uma leitura em diagonal do conjunto de mapas, as quais contrabalançavam três pontos de vista: viajar, que concebia o mapa como um sistema de imagens a serviço da relação do homem com o território; levantar, voltado para as operações de leitura do território, sua tradução, sua transcrição; decidir, que mostrava o mapa como instrumento de controle político, de gestão e transmissão de conhecimento. Fiel a esse programa a um só tempo enciclopédico e especulativo, o catálogo apresenta uma série de ensaios muito diferenciados em suas linguagens, tamanho e estrutura narrativa. Podemos dizer que quase nenhum tema ou abordagem, que nos anos futuros seriam a marca da renovação da história da cartografia esteve ausente dessa obra inaugural.

Já o projeto anglô-americano, ainda hoje em pleno desenvolvimento, lançou um ambicioso programa de renovação epistemológica da história da cartografia a partir da publicação de grandes volumes seriados, cujos recortes foram definidos em termos dos diferentes períodos e tradições culturais no campo da cartografia. A história praticada na coleção, segundo seus autores e organizadores iniciais - Brian Harley e David Woodward -, tinha como fundamentos,

um conceito renovado de mapa, e um compromisso com a discussão sobre os múltiplos processos que geraram diferentes formas e conteúdos nos mapas. Opunha-se à perspectiva tradicional da disciplina, voltada quase exclusivamente para a cartografia ocidental, europocêntrica, e fundada na crença de uma evolução linear das representações cartográficas. Como colocam os seus promotores atuais, esse desafio coletivo, apesar das modificações que ocorreram no projeto, manteve sua pretensão inicial: ser uma obra de referência abrangente e uma narrativa sintetizadora e inovadora, fundada numa visão plural das tradições cartográficas (*THE HISTORY OF CARTOGRAPHY*, 2003/2004).

11.2 - Brian Harley: a história da cartografia nunca mais seria a mesma

Com o seu trabalho editorial à frente do projeto *The History of Cartography*, Brian Harley consolidou o seu papel como o mais influente intelectual no campo da história da cartografia de sua época. Já consagrado historiador da Geografia e da cartografia, Harley passou a publicar trabalhos dedicados à discussão teórica e epistemológica sobre o estatuto do documento cartográfico e sobre os objetivos e métodos da HC⁶. Criticou as abordagens tradicionais, as quais considerava fundadas em três paradigmas: o darwiniano, o *old-is-beautiful* e o nacionalista. Harley não estava sozinho nessa empreitada e suas idéias inovadoras provocaram intenso debate no meio acadêmico, produziram muitos adversários e um maior número de seguidores, com grande repercussão até os dias de hoje. A partir de leituras de autores como Erwin Panofsky, Roland Barthes, Michel Foucault e Jacques Derrida, Harley formulou um novo programa para a HC. Convidou os pesquisadores a adotarem os conceitos e as posturas analíticas dos filósofos franceses na análise dos mapas (como o desconstrucionismo), a ver os mapas como imagens carregadas de juízo de valor, como um modo de imaginar, articular e estruturar o mundo dos homens. Harley foi um incansável divulgador de uma concepção alargada de

mapa, que não menosprezava a sua dimensão técnica, da qual era profundo conhecedor. Recusava-se, porém, a ver toda a cartografia e, conseqüentemente, a sua história, reduzida a uma questão técnica, como era até então tradição nesse campo disciplinar.

Brian Harley apontou para as diferentes formas de traduzir as imagens cartográficas como representações culturais carregadas de mensagens políticas, seja nos seus conteúdos explícitos, nas distorções e ausências, nos signos convencionais ou no claro simbolismo das decorações de suas margens, cartuchos e vinhetas. Sublinhou também a necessidade de estudos mais aprofundados sobre cada contexto histórico específico, para compreender como o poder opera através do discurso cartográfico, e os efeitos desse poder na sociedade.

II.3 - Comemoração e reflexão

Dois importantes programas comemorativos de eventos históricos foram também determinantes no estímulo às novas produções e reflexões ligadas ao tema: o bicentenário da revolução francesa em 1989 e os 500 anos da descoberta da América, em 1992.

Dentro das comemorações francesas, destacamos a publicação da série Atlas de la Révolution Française, e especialmente o volume intitulado *Le territoire; réalités et représentations* (NORDMAM e OZOUF-MARIGNIER, 1989). Esse volume discutiu o conteúdo do chamado espaço francês ou, mais acertadamente, do território francês, um território reestruturado nos anos revolucionários e sobre o qual se distribuíram realidades políticas, econômicas e culturais. Sua relevância encontra-se na proposição metodológica, que inovou ao reunir duas tradições cartográficas: de um lado, a reconstituição cartográfica a posteriori, segundo fontes documentais, ou seja, a tradição da cartografia histórica; de outro, a reprodução e análise dos documentos figurativos produzidos no momento histórico em estudo, a própria história da cartografia.

Das inúmeras iniciativas de compilação documental e reflexão crítica, promovidas com as comemorações dos 500 anos da chegada de Colombo à América, parte significativa foi dedicada à intensa produção cartográfica daquele momento, revelada em exposições e publicações⁷. Outros trabalhos responderam a uma reflexão acadêmica sobre as relações entre mapeamento, colonialismo e imperialismo⁸. Uma vez mais, Brian Harley esteve à frente desse movimento crítico, como exemplifica sua participação na exposição itinerante denominada *Maps and the Columbian Encounter* (HARLEY, 1990), cuja concepção e texto exploraram o significado dos mapas então produzidos para ambos os lados do Atlântico. Em artigo publicado à época, Harley e Woodward propuseram mais reflexão e menos comemoração, conduzindo sua análise da cartografia das descobertas e da colonização em direção a um explícito manifesto político:

(...) ao mesmo tempo em que inventariava os lugares descobertos pelos europeus e identificava as terras para a evangelização, o espaço coordenado dos novos mapas era instrumental na apropriação simbólica do território dos nativos americanos. Reconhecendo os povos indígenas como vítimas da cartografia europeia nós também reinstauramos sua contribuição nos registros cartográficos da história americana (HARLEY & WOODWARD, 1991:6).

Toda a história da cartografia desenvolvida nos EUA nos anos noventa seria profundamente marcada por essa ótica pós-colonialista.

II.4 - Dois autores, um desafio comum

Além do marco comemorativo dos 500 anos, o ano de 1992, distingue-se pela publicação de duas obras individuais de enorme relevância nessa vaga de reflexões epistemológicas sobre a história da cartografia: os livros *L'empire des cartes*, (JACOB, 1992) e *The power of maps* (WOOD, 1992).

Em seu erudito e desafiador ensaio, o pesquisador francês Christian Jacob considerou que o novo programa da história da cartografia somava aos seus objetos tradicionais - descobertas progressivas das partes do globo, fontes de informação e dos modelos, datação e atribuição de documentos - um especial interesse pela dimensão técnica da carta e pelo contexto social - meio dos cartógrafos, dos gravadores, dos impressores, das livrarias, dos encomendantes e dos usuários. Jacob desenvolveu largo esforço teórico na conceituação do mapa, percebido como um artefato resultante de um conjunto de operações e escolhas gráficas (geometria, traços, imagens figurativas, ornamentos, escrita), que acionam códigos de representação organizados em uma verdadeira linguagem. Esse artefato é um meio de comunicação que permite a transmissão visual de informações que se prestam também a manipulações retóricas (persuasão, engano, sedução, decisão). Tanto por sua complexidade semiótica como pelas instâncias sociais que o produzem, utilizam ou controlam, o mapa é um instrumento de duplo poder, no qual a eficácia não se reduz à representação objetiva de um fragmento da superfície. Como acontece com a linguagem escrita e falada, não se presta atenção à carta no seu uso cotidiano ou técnico. A condição de sua eficácia intelectual está precisamente nessa suposta transparência.

Jacob discutiu também as possibilidades de um novo programa epistemológico para a história da cartografia. Será sempre preciso conduzir as pesquisas na dimensão diacrônica, mas repensando o estatuto da evolução, das mudanças e do chamado progresso. Jacob propôs uma história que privilegiasse o objeto por ele mesmo, e não pelos seus conteúdos geográficos. Uma história do mapa e não uma história da descoberta da Terra.

O livro *The Power of Maps*, do americano Denis Wood, não é propriamente um trabalho de ou sobre a história da cartografia, e sim um contundente ensaio sobre as bases epistemológicas da própria cartografia em fins do século XX. Mas a perspectiva crítica de Wood,

que apontou diretamente para a relação entre mapa e poder, pode ser largamente aplicada às produções e práticas cartográficas mais antigas. Questionando a pretensa neutralidade dos cartógrafos, o autor mostrou como a naturalização dos mapas na cultura ocidental, ou seja, a aceitação de sua autoridade como perfeita representação do território e fonte de informação objetiva, foi uma construção social e histórica. Para Wood, o mapa não registra silenciosamente uma paisagem, mas responde a atos deliberados de identificação, seleção e nomeação do que é observado, mostrando ou escondendo elementos de acordo com os interesses em jogo no projeto cartográfico.

11.5 - Desdobramentos: uma nova constelação de interesses

Deflagrado no início dos anos oitenta, o processo de renovação da HC desdobrou-se em congressos, exposições e iniciativas editoriais diversas, que buscaram dar vazão e impulso a uma produção crescente sobre as cartografias dos diferentes períodos históricos e regiões do globo⁹.

Os congressos e as revistas especializadas, são os fóruns de discussão e repercussão mais sensíveis aos processos de mudança nos seus domínios disciplinares. No caso da HC, destacam-se os periódicos *Imago Mundi* e *Cartographica* que, nos anos 90, reproduziram ou promoveram o debate teórico e metodológico em curso. Número especial da revista *Cartographica*, intitulado *Introducing Cultural and Social Cartography* (1993), reuniu artigos sobre o tema e apontou para essa nova tendência dos estudos, voltados para as interações entre mapas, mapeamentos e o contexto sócio-cultural.

A 16ª Conferência Internacional de História da Cartografia, ocorrida em Viena em 1995, inaugurou uma sessão dedicada aos aspectos teóricos da disciplina, resultado de uma carência observada em conferências anteriores e pontuada em artigos diversos. Em seus papers exploratórios, publicados pela

Imago Mundi, Christian JACOB (1996), Matthew EDNEY (1996) e Catherine DELANO-SMITH (1996) sublinharam a necessidade de maiores aportes teóricos para a superação do modelo de desenvolvimento linear e progressivo da cartografia e sugeriram conceitos operatórios para tal. M. Edney afirmou que a HC era dominada por um empiricismo que desconsiderava a necessidade de aportes teóricos. Baseando-se na sua própria pesquisa em curso¹⁰, Edney negou qualquer evidência histórica de um progresso linear da cartografia e incitou a comunidade dos especialistas a enfrentar esse debate teórico. Christian Jacob buscou demonstrar como a teoria determina a pesquisa, as escolhas metodológicas, sua orientação e limites. Jacob recorreu às imagens em contraste do mapa transparente – aquele que o olhar atravessa em busca de um saber exterior - e do mapa opaco – aquele que retém o olhar sobre sua própria estrutura e seus níveis de representação gráfica.

O pesquisador inglês Denis COSGROVE (1999) chegou a identificar uma explosão de interesse e fascinação pelos mapas para além do circuito dos especialistas, espalhando-se pelos domínios dos estudos culturais e da produção artística. Para Cosgrove, as novas práticas de espaço decorrentes das novas tecnologias, o redesenho geopolítico do globo e a superação definitiva das técnicas tradicionais de mapeamento conduziram a um questionamento do estatuto de autoridade do mapa no mundo contemporâneo. A onda de interesse carregou consigo um desafio epistemológico que a história da cartografia tradicional não poderia resolver: dar conta da complexidade das relações culturais que sustentam a autoridade do mapa significava tratar o mapa como um produto cultural e inseri-lo nos circuitos de uso, troca e significação de cada sociedade.

11.6 - Trocas e empréstimos com outros campos disciplinares

O alargamento do objeto da nova HC não se produziu isolada ou internamente à

disciplina, mas constitui uma resposta a um processo de trocas e empréstimos com outros campos disciplinares correlatos. É o caso da renovação da história da ciência, que tem se voltado para a dimensão material, técnica, econômica e discursiva das produções científicas. Em artigo sobre a nova história social e cultural da ciência, Dominique PESTRE (1995) inventariou novos objetos e abordagens com os quais podemos relacionar trabalhos específicos de HC, como a história dos instrumentos, das práticas científicas, dos protocolos de prova, e das instituições¹¹.

A nova HC expandiu suas fronteiras para além da sua clássica relação com a Geografia, atingindo campos como a estatística, como na obra de Gilles Palsky (1996) sobre a cartografia temática, ou quantitativa, que se impôs a partir do século XIX. Informado pelos avanços teóricos da semiologia gráfica, o trabalho de Palsky concebeu as cartas quantitativas como meios de comunicação, traduzidos numa linguagem gráfica. Palsky criticou a historiografia tradicional por não valorizar as produções cartográficas do século XIX em diante, concentrando-se nos mapas anteriores a 1800. A cartografia quantitativa rompeu com o esquema comum de expressão cartográfica desenvolvida desde a Renascença, distinguindo-se da topografia e tornando-se a expressão gráfica da estatística.

Parte significativa da nova HC é também um desdobramento das novas abordagens da história do imperialismo e do nacionalismo, inscritas nos chamados estudos pós-coloniais. Nessa produção revisionista, os empreendimentos cartográficos são analisados como processos estratégicos do estado-nação moderno que visavam a construção de territórios e o controle dos seus recursos, fossem populacionais ou naturais. O livro de Jeremy BLACK, *Maps and history* (2000), insere-se nessa gama de estudos que tomam a cartografia como instrumento político, estratégico no processo de expansão do nacionalismo e seu desdobramento, o imperialismo. O livro trata dos atlas históricos, ou seja, do mapeamento e da mapeabilidade do passado. Usualmente considerados como obras de referência (como

dicionários, cronologias e enciclopédias), na obra de Black os atlas históricos ganham estatuto de fonte documental. São analisados como imagens visuais que concorreram na criação e sustentação de determinadas situações históricas, como na emergência das nações modernas como comunidades políticas imaginadas.

O interesse renovado pelos mapas também guarda sintonia com o que a pesquisadora francesa Ozouf-Marignier chamou de vaga de estudos sobre o território¹², movimento que, a partir dos anos oitenta, marcou a produção francesa e se caracterizou pela reintrodução do sujeito/ator social e da dimensão temporal nos estudos geográficos. É nesse sentido que Catherine BOUSQUET-BRESSOLIER (1999) afirmou ter conduzido a Terceira Jornada de Estudos do Musée des Plans-Reliefs: a reconstituição dos contextos de produção dos mapas foi considerada uma necessidade inescapável da produção contemporânea em história da cartografia. Os autores convidados debruçaram-se sobre temas como formação dos cartógrafos, instrumentos, práticas de campo e atores sociais envolvidos¹³.

A forte tendência dos novos estudos, que inserem os mapas nos seus contextos socioeconômicos, atinge também disciplinas como a história da arte, por muito tempo um campo refratário às mudanças. Não é mais suficiente, também para os historiadores da arte, estudar os mapas nos quadros das chamadas *national schools*; agora é necessário considerar o desenvolvimento econômico, social e cultural que permitiu o aparecimento das formas cartográficas.

II.7 - A HC atual: uma história dos mapeamentos

Abordar a cartografia sob o ângulo das práticas científicas e culturais é uma tendência que se verifica, com especial vigor, na produção anglo-saxônica¹⁴. No final dos anos 90, Denis COSGROVE (1999) organizou o livro *Mappings*, com ensaios que privilegiavam os processos de mapeamentos, explorando contextos e

contingências que determinaram os atos de visualização, conceitualização, pesquisa, representação e criação gráfica de espaços. Para Cosgrove, uma história dos mapeamentos se adequa melhor à concepção do mapa como um produto cultural, um elemento da cultura material.

O livro de M. Edney, *Mapping an empire* (1998), pode ser citado como exemplar dessas novas abordagens da HC. Em resenha na revista *Imago Mundi*, Christian Jacob (1998) considerou o trabalho de Edney como um modelo metodológico para a história da cartografia, pela amplidão das fontes utilizadas e das interpretações que a pesquisa suscita. Três fios condutores estruturam o trabalho: uma reflexão sobre o poder e a natureza dos mapas no momento em que se dá a lenta transição das técnicas da cartografia de gabinete para uma cartografia baseada na triangulação sistemática do território (fins do século XVIII e primeiras décadas do século XIX); uma interrogação mais ampliada sobre os atores, individuais ou coletivos, que, em graus e modalidades múltiplas, intervêm em um dado processo cartográfico; e, por fim, uma reflexão sobre o lugar da cartografia na política colonial e no projeto de construção de um espaço imperial.

Outra obra interessante é *Masters of all they surveyed*, um livro que trata, segundo o autor David BURNETT (2000), da construção geográfica de um território colonial no século XIX, a Guiana Inglesa. Burnett, que se considera um historiador da ciência interessado em Geografia, exploração e encontros culturais, insere os mapas num conjunto de textos-chaves, ao lado das narrativas, desenhos e pinturas, que construíram uma determinada imagem da colônia inglesa.

Também o trabalho de John SHORT (2001), *Representing the Republic; mapping the United States*, busca inserir os documentos cartográficos num conjunto maior de fontes. Seu objetivo é estudar as práticas e as políticas de representação nacional e imperial através de textos geográficos associados aos mapas e aos mapeamentos. Esse conjunto articulado de discursos não só refletem o espaço físico mas

constroem uma ordem social. Short é mais um pesquisador a abordar as mudanças recentes da *history of mapmaking*, enfatizando as conexões com outros processos mais largos de representação na sociologia do poder ou na economia política do conhecimento.

Estudos recentes aprofundam essa linha de argumentos, com uma crítica aos estudos coloniais que teriam enfatizado excessivamente o modelo centro-periferia, ocorrendo em reducionismos. A tese de Neil SAFIER (2003) insere os processos de mapeamento numa rede de interações que conectam indivíduos, objetos, instituições e forças políticas num processo mais largo, complexo e multifacetado de produção de conhecimento.

11.8 - Um trabalho inaugural no Brasil

Pouco se tem produzido nesse campo no Brasil, quase intocado pelos debates e movimentos de renovação teórica aqui comentados. A maioria dos trabalhos relativos à história da cartografia brasileira tem sido realizada por historiadores portugueses e tratam do período colonial, com especial ênfase na cartografia dos descobrimentos¹⁵. Podemos afirmar que, de forma ainda esparsa, alguns trabalhos acadêmicos pioneiros têm surgido em resposta ao movimento de renovação e alargamento do campo da HC.

Uma exceção é a tese da geógrafa brasileira Enali DE BIAGGI (2000), intitulada *La Cartographie et les représentations du territoire au Brésil*. Ao conceber os mapas como construções sociais e enfatizar sua dimensão discursiva, De Biaggi, como tantos autores aqui analisados, se mostra devedora das proposições teóricas e epistemológicas de B. Harley e C. Jacob. A tese apresenta um painel histórico da produção cartográfica no e sobre o Brasil, a partir de uma preocupação essencialmente geográfica, qual seja a de revelar a contribuição da cartografia na construção desse grande território. Mas a autora empreende também uma investigação histórica sobre os contextos científicos e políticos que conduziram à realização das cartas geográficas,

colocando em evidência os atores sociais envolvidos e as relações entre a produção cartográfica internacional e a produção local. A envergadura temporal da pesquisa, que percorre os quinhentos anos da história brasileira, necessariamente conduz a uma abordagem geral, a uma perspectiva ampla que não poderia admitir maiores aprofundamentos. Por outro lado, tal dimensão permite à autora construir uma primeira periodização do tema e equilibrar sua análise entre os diferentes períodos, escapando à forte tradição dos estudos da cartografia brasileira de privilegiar o período colonial. A importância do trabalho de De Biaggi reside essencialmente no ponto de vista - para usar uma metáfora cartográfica - de sua análise: a trajetória da cartografia brasileira nos seus processos específicos, processos que engendram as representações próprias do território brasileiro. Tais representações têm, evidentemente, origem na cartografia européia, mas são construídas em um contexto específico, no qual a tradição ocidental é confrontada com uma nova paisagem, um outro contexto social, diferentes relações de poder e padrões culturais.

III - Considerações finais: o mapa e sua herança distorcida

Consideremos as reflexões do historiador da cartografia David BUISSERET (2003), em seu mais recente livro, *The mapmaker's quest*. Buisseret comenta o incremento do número de pesquisadores interessados em HC nas duas ou três últimas décadas, ao qual correspondeu um crescente entendimento da relevância histórica dos mapas. Entre os avanços teóricos originados dessa vaga de interesse, Buisseret destaca a redefinição de mapa - cujo conceito tornou-se igualmente mais extenso e mais preciso -, a preocupação com a inserção dos mapas nas redes sociais e econômicas de sua produção e, finalmente, o entendimento de que o impulso de mapear parece ser um traço universal das sociedades humanas.

De fato, o debate sobre o conceito de mapa é o fator decisivo nessa renovação da HC.

Muitas obras começam por essa discussão (Cosgrove, Wilford, Buisseret, Harley, Woodward) que é tratada em profundidade no livro de Jacob. Para Buisseret, “temos que nos convencer que um mapa não precisa nem ser gráfico nem representar a superfície da Terra” (BUISSERET, 2003: XI) e que o conceito mais aceito hoje parece se assentar simplesmente na sua qualidade de representação locativa, uma imagem locativa, ou seja, cuja primeira função seria fornecer uma informação de localização. A chave para o entendimento do aspecto mais profundo dessa renovação reside, a nosso ver, no alargamento do foco dos estudos. Ao interesse pelos mapas antigos enquanto fontes objetivas para uma outra história (da Geografia, da Arte ou da ciência) somaram-se os estudos do artefato cartográfico e dos processos de mapeamento como objetos de uma história em si mesma reveladora e significativa. Nesses termos, o produto mapa - a imagem codificada - é parte substantiva, mas não exclusiva, da história da cartografia, e o estudo do processo cartográfico necessariamente conduz à interrogação histórica mais complexa e abrangente.

Uma última questão merece ser aqui comentada. Em função das novas bases metodológicas, tem crescido a preocupação com as fontes disponíveis para a história da cartografia, que não pode mais se contentar com acervos monumentais seletivos, compostos pelas obras de grande apelo geográfico ou artístico, desconectados de seus contextos documentais de origem. É uma herança distorcida, na expressão de COSGROVE (1999: 14), distorção histórica que sempre privilegiou os mapas trabalhados artisticamente ou de importância estratégica, enquanto os mapas de uso cotidiano, a everyday cartography, foram sistematicamente descartados. A preservação fortemente seletiva foi um fator determinante na composição de um acervo fragmentado, que tendeu “a subestimar as qualidades abertas, parciais e contingenciais do mapa enquanto objeto em favor daquelas fechadas, totalizantes e estetizantes” (COSGROVE, 1999: 14).

Se a História, enquanto disciplina, é construída sobre vestígios dispersos, essa herança documental esgarçada no tempo pode ser ainda mais frágil, como parece ser o caso do patrimônio cartográfico, não só quanto aos mapas propriamente ditos, mas a todo registro documental relativo aos mesmos, sejam públicos ou privados¹⁶. Entendidos como objetos técnicos, utilitários, os mapas sempre estiveram sujeitos ao crivo impiedoso da obsolescência e, em desuso, tinham prazo de validade vencido e eram sistematicamente descartados. Especialmente aqueles que, a partir do século XIX, foram despojados de seus atributos ornamentais e, sem o antigo apelo artístico para colecionadores e antiquários, não sustentavam mais o interesse dos seus produtores e usuários imediatos, como administradores, planejadores urbanos e geógrafos, sempre ávidos por informações atualizadas.

Outra dificuldade está associada aos processos históricos de guarda e acumulação dos mapas, processos que sempre se caracterizaram pela separação dos documentos visuais e textuais. Em termos da constituição dos acervos, essa clivagem significou a separação dos mapas dos contextos de sua produção documental – correspondências, processos jurídicos, relatórios técnicos – seja pelo seu alto valor no mercado antiquário, seja pela estratégia de sigilo de estado ou mesmo pelas políticas de preservação de arquivos, museus e bibliotecas, pela tradicional prática (ainda hoje em uso) da museologização da imagem cartográfica em detrimento do seu valor documental.

Seja pela clivagem entre imagem e texto, seja pela acelerada obsolescência ou pela seletividade monumentalizante, os acervos cartográficos hoje constituídos nos mais diversos países não dão conta das exigências documentais da nova historiografia. Esse deverá ser o desafio metodológico maior a ser enfrentado pelos pesquisadores empenhados em reescrever a história da cartografia.

Notas

- ¹ Este ensaio é produto do estágio realizado na França, como parte do doutoramento em História pela UFMG. Nossas leituras concentraram -se na literatura de língua francesa e inglesa. Apesar das inúmeras contribuições de outros países com forte tradição na história da cartografia, acreditamos que as produções aqui estudadas são extremamente significativas e dão conta do processo de renovação teórica e metodológica que pretendemos abordar.
- ² A partir do estudo de HARLEY (1987) podemos identificar três autores principais dessas obras de síntese: BAGROW (1964), BROWN (1949) e CRONE (1953).
- ³ Até os anos 1980, a *Imago Mundi* era uma revista de especialistas no tema, concentrando seus artigos na cartografia pré-1800 e na Europa e EUA.
- ⁴ Nesse ponto permitimo-nos discordar de B. Harley, quando este afirma que na França havia pouco interesse nos temas teóricos da HC, entre os “poucos” praticantes da disciplina. Se na França a constituição da disciplina enquanto campo autônomo não foi favorecida, isto se deveu muito mais a uma postura crítica em relação às histórias internalistas do que a uma submissão empobrecedora ao campo da história da Geografia, como sugeriu Harley. Exemplo marcante do vigor e pioneirismo teórico da produção francesa foi a exposição e a publicação do respectivo catálogo *Cartes et Figures de la Terre*, que comentaremos no próximo item.
- ⁵ A série é financiada pelas agências The National Endowment for the Humanities e The National Science Foundation, por fundações privadas e colaboradores individuais.
- ⁶ Autor prolífico, Harley publicou, até a sua morte prematura em 1991, mais de 140 artigos e ensaios, além de dezenas de resenhas e contribuições em obras coletivas. Para conhecer um pouco dessa imensa obra, ver as coletâneas: GOULD (1995) e HARLEY (2001).
- ⁷ Portugal promoveu diversos eventos nesse campo por intermédio da Comissão Nacional para Comemoração dos Descobrimientos Portugueses, como a exposição *A nova Lusitânia*; a cartografia do Brasil nas Coleções da Biblioteca Nacional, subproduto do projeto História da Cartografia, da Biblioteca Nacional de Lisboa.
- ⁸ Ainda que não trate do continente americano, uma primeira e fundamental referência nesse campo é o livro de Benedict Anderson, *Imagined Communities*. O estudo de Anderson situa-se entre as novas pesquisas que empreenderam uma revisão dos estudos sobre o nacionalismo no conjunto dos estudos pós-coloniais. O capítulo intitulado *Census, Map, Museum* aportou sugestiva reflexão sobre as estratégias cartográficas dos estados coloniais e o surgimento dos nacionalismos no Sudeste Asiático. (ANDERSON, 1991).
- ⁹ É importante ressaltar que a HC ainda está marcadamente concentrada na Europa e nos EUA, como campo de elaboração e como objeto de pesquisa. A abordagem histórica da cartografia dos demais países é essencialmente conduzida no conjunto dos estudos sobre as atividades de exploração das antigas colônias e da história do imperialismo, à exceção do projeto monumental e declaradamente plural *The History of Cartography*, acima comentado.
- ¹⁰ Sua tese de doutoramento, posteriormente publicada (EDNEY, 1997).
- ¹¹ Citamos como exemplos de trabalhos que exploram essas dimensões: BOURGUET, M. N. et al (2002) e LICOPPE (1996).
- ¹² Em seminário ministrado na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, Paris, 13/11/2003.
- ¹³ O evento deu seqüência a dois outros encontros importantes promovidos sob sua coordenação: a exposição *Les couleurs de la Terre* e o seminário internacional *L'oeil du cartographe*.
- ¹⁴ Cumpre salientar, ainda que de forma breve, outras reflexões que transitam por tradições nacionais igualmente importantes, como a Itália. Ali, desde os anos noventa, estudos ligados à ecologia histórica e à formação territorial do país vem promovendo uma retomada da abordagem “realista” das fontes cartográficas, em contraponto à ótica cultural e simbólica que dominaria a HC na Itália já no período. Não se trata de uma volta ao uso dos mapas como

Bibliografia

- ANDERSON, B. "Census, Map, Museum". In: _____. *Imagined Communities: reflections on the origins and spread of nationalism*. London: Verso, 1991.
- BAGROW, L. *The history of cartography*. Cambridge: Harvard University Press; London: C. A. Watts, 1964.
- BLACK, J. *Maps and history; constructing images of the past*. New Haven, London: Yale University Press, 2000.
- BOURGUET, M. N., LICOPPE, C., SIBUM, O. *Instruments, travel and science: itineraries of precision from the seventeenth to the twentieth centuries*. London: Routledge, 2002.
- BOUSQUET-BRESSOLIER, C. *Le paysage des cartes; genèse d'une codification*. Actes de la 3ème Journée d'Étude du Musée des Plans-Reliefs. Paris: Musée des Plans-Reliefs, 1999.
- BROWN, L. A. *The story of maps*. Boston: Little, Brown, 1949.
- BUISSERET, D. *The mapmakers's quest; depicting new worlds in Renaissance Europe*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- BURNETT, D. G. *Masters of all they surveyed; exploration, geography and a british eldorado*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 2000.
- CARTES et figures de la Terre. Paris: Centre Georges Pompidou, Centre de création industrielle, 1980. [Catalogue de l'exposition présentée au Centre Georges Pompidou du 24 mai au 17 novembre 1980].
- COSGROVE, D. (org). *Mappings*. London: Reaktion Books, 1999.
- CRONE, G. R. *Maps and their makers: an introduction to the history of cartography*. London: Hutchinson University Library, 1953.
- DE BIAGGI, E. M. *La cartographie et les représentations du territoire au Brésil*. Paris, 2000. 2v. Tese (Doutorado) - Université de Paris III - Sorbonne Nouvelle/ Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine.
- DELANO-SMITH, C. "Why Theory in the History of Cartography?" *Imago Mundi*, v.48, 1996, p.198-205.
- EDNEY, M. H. "Theory and history of cartography". *Imago Mundi*, v.48, 1996, p.185-191.
- EDNEY, M. H. *Mapping an empire: the geographical construction of British India, 1765-1843*. Chicago: University of Chicago Press, 1997.
- EDNEY, M. H. A guide to recent trends in the history of cartography. *International Seminar on the History of the Atlantic World*. Disponível em www.fas.harvard.edu/~atlantic/bibliographies/cartography/edney.html Acesso em 10/05/2004.
- GOULD, P. & BAILLY, A. *Le pouvoir des cartes; Brian Harley et la cartographie*. Paris: Anthropos, 1995.
- HARLEY, J. B. *The new nature of maps; essays on the history of cartography*. Baltimore/ London: Johns Hopkins University Press, 2001.
- HARLEY, J. B. "The map and the development of the history of cartography". In: HARLEY, J. B. & WOODWARD, David (eds). *The history of cartography; cartography in prehistoric, ancient and medieval Europe and the Mediterranean*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987.
- HARLEY, J. B. *Maps and the Columbian Encounter*. Milwaukee: Golda Meir Library, 1990.
- JACOB, C. "Book review of Mapping an empire". *Imago Mundi*, v.50, 1998, p.213-214.
- JACOB, C. *L'empire des cartes; approche théorique de la cartographie à travers l'histoire*. Paris: Albin Michel, 1992.
- JACOB, C. "Toward a cultural history of cartography". *Imago Mundi*, v.48, 1996, p.191-197.

- LICOPPE, C. La formation de la pratique scientifique: le discours de l'expérience en France et en Angleterre, 1630-1820. Paris: La Découverte, 1996.
- MORENO, D. "Une source pour l'histoire et l'archéologie des ressources végétales; les cartes topographiques de la montagne ligure (Italie)". In: BOUSQUET-BRESSOLIER, C. L'œil du cartographe et la représentation géographique du moyen âge à nos jours. Actes du colloque européen sur la cartographie topographique tenu a Paris les 29 et 30 octobre 1992. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques CTHS, 1995.
- NORDMAN, D. & OZOUF-MARIGNIER, M. Atlas de la Révolution Française. Le territoire. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1989.
- PALSKY, G. Des chiffres et des cartes, naissance et développement de la cartographie quantitative française au XIXe siècle. Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, 1996.
- PESTRE, D. "Pour une histoire sociale et culturelle des sciences; nouvelles définitions, nouveaux objets, nouvelles pratiques". Annales; histoire, sciences sociales, n.3, 1995, p.487-522.
- RAGGIO, O. "Immagini e verità. Pratiche sociali, fatti giuridici e tecniche cartografiche". Quaderni storici, v.108, ano 36, n.3, 2001, p.843-876.
- RUNDSTROM, R. A. "Introducing cultural and social cartography". Cartographica, v.30, n.1, 1993.
- SAFIER, N. F. Writing the Andes, reading the Amazon: voyages of exploration and the itineraries of scientific knowledge in the eighteenth century. Baltimore, 2003. Dissertation submitted to the Johns Hopkins University for the degree of Doctor of Philosophy.
- SHORT, J. R. Representing the Republic; mapping the United States, 1600-1900. London: Reaktion Books, 2001.
- THE HISTORY of cartography. Newsletter 2003/2004: winter.
- "THEORETICAL aspects of the history of cartography: a discussion of concepts, approaches and new directions". Imago Mundi, v.48, 1996, p.185-205.
- WOOD, D. The power of maps. New York: The Guilford Press, 1992.

Trabalho enviado em abril de 2004.

Trabalho aceito em agosto de 2004.

